

TANIA BACELAR

Em nome da comissão que organizou este evento agradeço a todos aqueles que convidamos para compor as diversas mesas e a todos vocês que acompanharam e participaram dos debates durante esses dias.

Procuramos começar com uma reflexão crítica sobre os 50 anos da Sudene que são também os 50 anos de publicação de *Formação econômica do Brasil*, no qual Celso Furtado já anunciava o Brasil que viria à frente. Quando lemos a *Formação* percebemos claramente como as estruturas que vão nos levar a este Brasil que construímos no século XX já estavam montadas ali, quando ele fez a sua análise. O balanço desses 50 anos foi um balanço crítico. E era isso que queríamos, uma leitura crítica dos 50 anos passados, olhando para o Brasil e olhando para o Nordeste: discutir o Brasil e também o Nordeste.

A conclusão que tiramos desses 50 anos é que ficamos longe dos sonhos de Furtado, porque o próprio sonho da Sudene foi interrompido: ao invés de serem feitas as grandes transformações com as quais ele sonhava, construímos um Brasil que se modernizou numa parte e esqueceu a outra. E isso não aconteceu só com o Nordeste. O Nordeste reproduziu, ampliadamente, o que aconteceu com o Brasil, como disse Celso Furtado ao voltar do exílio e reencontrar o Nordeste. Ele disse que o Nordeste era “o espelho onde a imagem do Brasil se refletia com brutal nitidez”. Mas era a imagem do Brasil, só que mais brutal do que a média.

Depois do balanço crítico, queríamos que o Seminário terminasse olhando para frente. E eu acho que o Celso Pinto de Mello cumpriu bem esse objetivo. Não é mais hora de se fazer balanço do passado apenas, mas hora de olhar os desafios que temos pela frente, usando a leitura crítica feita aqui. E como ele mesmo disse, nós estamos vivendo um momento muito especial do Brasil. E precisamos pensar sobre isso. Talvez reler outros livros de Furtado, como *A construção interrompida*, uma das suas últimas obras, na qual ele voltou a denunciar o caminho que o Brasil estava tomando no final do século XX, mostrou que, naquela rota, os riscos de não se concluir a consolidação da nação brasileira estavam crescendo, e nos alertou que era preciso mudar de rota.

Neste começo de século XXI, mudamos de rota. Se nós olharmos o que era o Brasil no final do século XX, e olharmos o Brasil no final da primeira década do século XXI, veremos que o Brasil mudou de rota. E o mundo está num processo de mudança também muito importante, mundo que, como disse Celso, tem uma leitura mais otimista do Brasil do que nós temos. Talvez por termos passado

por esse desvio, que ele denuncia, não tenhamos ainda a clareza das “janelas de oportunidades” que estão se abrindo no mundo para um País como o nosso, um País que já é a décima economia industrial do mundo. Esta foi a nossa grande construção do século XX. Quisemos, no século XX, ser uma potência industrial. E somos. Chegamos a ser a oitava base industrial do mundo nos anos 1980. Nas duas últimas décadas perdemos um pouco de terreno, mas somos ainda a décima maior base industrial, moderna e diversificada. Não podemos desconstruir isso, um patrimônio que custou muito às gerações que o criaram, porque fizemos isso a um elevado custo social. Colocamos o Brasil depois do G7, quando se olha do lado econômico, e também ao lado dos países mais pobres e desiguais do mundo, quando se olha pelo foco social.

É preciso, agora, que olhemos o que está acontecendo no mundo e identifiquemos quais são as nossas oportunidades e os nossos desafios. Depois de um balanço histórico crítico, a nossa agenda é olhar para o que está por vir. Ao olharmos o mundo, é interessante notar que no século XX o Brasil se negou a ser uma potência agrícola, depois de passarmos 400 anos como uma potência agrícola. E o diagnóstico que Celso Furtado nos ajudou a construir era o de que, naquela conjuntura, ser potência agrícola não era uma boa opção. O mundo havia se tornado industrial e o nosso desafio era ser uma potência industrial também.

Mas fizemos mais do que isso: desvalorizamos o mundo rural. E isso precisa ser repensado. Para ser uma potência industrial, não era necessário fazer o que fizemos no mundo rural. O Brasil chega ao começo do século XXI com 10% de analfabetos, mas o Nordeste rural chega ao século XXI com um terço de analfabetos. É disto que estou falando. Temos de olhar para isso porque o mundo está colocando algumas oportunidades muito interessantes para o Brasil.

Os relatórios da FAO estão mostrando que com o crescimento da Índia e da China – países muito populosos, nos quais a renda média da população está crescendo –, o consumo mundial de alimentos vai crescer. E o mundo vai precisar produzir mais alimentos. Se não produzirmos mais alimentos, o preço é que vai “resolver o problema”, mantendo a fome! A única saída para não deixar o “preço resolver” é aumentar a oferta de alimentos.

Em todos os estudos que vemos sobre esse cenário, onde é que aparece uma importante fronteira agrícola do mundo? No Brasil! Temos água, podemos quase dobrar a superfície cultivada, e temos tecnologia. Os estudos da FAO são muito interessantes nesse sentido porque mostram que, quando aumenta a renda, as pessoas passam a consumir duas coisas básicas: proteína

e frutas. O Brasil é competitivo mundialmente em proteína e em frutas. Por isso, nós precisamos rediscutir o Brasil rural. Não podemos manter a mentalidade do século passado.

A segunda pressão que teremos é a mudança do padrão energético. E aí aparecem duas janelas de oportunidades para o Brasil: com o pré-sal nós vamos ser agentes importantes do fim da era do petróleo. Mas não perdendo a capacidade de ver que esse é o fim de uma era da qual nós também fazemos parte. O mundo de novo está olhando para nós e dizendo “você têm tudo para ser uma liderança importante da Nova Era”. A Nova Era é a da energia renovável e limpa. Já temos a matriz energética mais diversificada do mundo, temos tecnologia, e ainda temos o elementar: terra, água, conhecimento e possibilidades de comparecer mundialmente no novo cenário que está aí.

O problema do Brasil não é de crescimento econômico. Nós já retomamos o crescimento. Foi uma das mudanças que fizemos. O problema do Brasil é o de como continuar a construção da nação brasileira. E nós não vamos ser uma nação importante no cenário mundial do século XXI com o tamanho da desigualdade social e regional que herdamos do século passado. Esse é o nosso grande desafio, e era a grande preocupação da obra de Furtado. A preocupação permanente de Furtado era a desigualdade social. A incompatibilidade entre o tamanho dessa fratura e a consolidação de uma nação. Esse é o grande desafio do Brasil.

Começamos a mexer nessa questão com muita timidez, como Jair do Amaral Filho nos mostrou aqui. Ele mostrou que o que aconteceu de novo com o Nordeste nos últimos anos foi a mexida brasileira em um dos pilares da desigualdade, talvez o mais fácil de mexer, que foi a renda: uma modesta distribuição da renda com programas de transferência mais o aumento do salário mínimo, que para o Nordeste é tão importante quanto as transferências. Só aparecemos nos noticiários como o território do Bolsa-Família. Mas para estimular o consumo aqui foi muito importante o aumento do salário mínimo real. Porque somos 28% da população total do Brasil, mas somos a metade dos trabalhadores que ganham um salário mínimo. Portanto, essa mudança, associada à retomada da presença do Estado nos últimos tempos, mexeu na estrutura da renda e apostou em um dos nossos potenciais, que é o consumo insatisfeito da maioria da população brasileira – no qual boa parte da elite acadêmica, política e empresarial brasileira não acredita. Não acreditavam que mexer aí dava certo. E nós mostramos que, apostando no consumo insatisfeito de uma massa de gente muito importante, se consegue dinamizar a economia brasileira.

Nós não retomamos o crescimento por meio das exportações. Retomamos o crescimento pelo consumo interno, atendendo à demanda insatisfeita das famílias de renda intermediária. Isto significa que essa força estava amortecida. Bastou um pouquinho de distribuição de renda para ativar esse potencial. Nos últimos anos, o Nordeste não foi revisitado porque tem salários baixos, mas foi revisitado porque o consumo aqui liderou as taxas de crescimento do consumo nacional, como foi mostrado na exposição de Jair do Amaral Filho. Ele analisou os dados da pesquisa sobre as vendas no varejo e mostrou claramente: quem puxa o varejo é Norte e Nordeste.

Mas a “máquina de gerar desigualdades” no Brasil é muito mais profunda do que isso. Essas conquistas ainda são muito insuficientes para tirar proveito do que realmente é o potencial do nosso País e para desmontar a “máquina de gerar desigualdades”. A educação é fundamental. Não vamos nos enganar achando que seremos uma potência importante sem enfrentar o problema da educação. Todos sabem isso. Ai está um desafio importante. Essa é uma discussão de peso e uma agenda importante para o futuro. Nós já começamos a mudar. Eu diria que foi de uma timidez enorme o esforço que se fez, diante do desafio que temos à frente.

Estamos longe de enfrentar os desafios centrais. E os dois velhos desafios nossos eram: educação e a terra.

Na terra nós também não mexemos significativamente. O recente Censo Agropecuário mostra que a estrutura fundiária do Brasil do começo do século XXI é a mesma do século passado. Não alteramos praticamente nada! E novamente isso para o Nordeste é fundamental, pelos dados que vimos aqui. Estamos perdendo peso na agricultura do País quando o mundo vai chamar o Brasil para ser, de novo, um país importante do ponto de vista agrário. Nós temos no Nordeste 43% da população agrícola economicamente ativa do Brasil. E aqui a estrutura fundiária continua sendo um entrave pesado. Isto aqui não é São Paulo. É por isso que a gente ouve paulista dizer “reforma agrária é coisa do século passado”. Só se for lá! Aqui, não! Aqui continua sendo urgente pela importância que tem o nosso peso na população economicamente ativa agrícola do País. São “velhos calcanhares de Aquiles”, “máquinas de gerar desigualdades”, como é a máquina do sistema tributário. Ou vocês acham que foi de graça que colocamos no Seminário o tema do federalismo?

Não passa no Congresso uma reforma tributária. E o sistema tributário brasileiro é uma das máquinas mais sérias de gerar desigualdades. Podem ver as

análises disponíveis sobre esse assunto. Quem ganha menos paga muito mais do que quem ganha mais! Quem é rentista não paga tanto quanto quem produz... Imposto sobre a terra é uma piada. O ITR (Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural) tem receita irrelevante num País continental. Mas a questão tributária é uma das resistências estruturais, barradas, inclusive, pelo federalismo desigual. Quando se fala que se vai mexer na receita de São Paulo, para tudo! Isso aconteceu na última tentativa feita recentemente.

Temos enormes desafios para desmontar máquinas históricas e consolidadas de gerar desigualdades. Esta é a nossa preocupação. Nós queríamos terminar o Seminário estimulando os presentes a não pensar somente com nostalgia os 50 anos que se foram. Os próximos 50 anos vão ser muito importantes para o Brasil. O mundo está nos dizendo isso, como Celso Furtado mostrou. O Brasil tem potencial para ser uma nação muito mais decente do que a que fomos capazes de construir até agora. Trabalhar nessa direção talvez seja a melhor forma de homenagear Celso Furtado.